

Descoberta de fármacos e produção literária: um estudo sobre a quina do Peru (séculos XVII e XVIII)

ROBERTO POLETTO¹

Introdução

Desde que as coroas ibéricas, através dos avanços conseguidos pelas Grandes Navegações², passaram a alcançar terras cada vez mais distantes da Europa um intercâmbio jamais imaginado anteriormente teve início. Os mais diversos produtos e as mais diversas pessoas passaram a circular entre os todos os continentes e com eles, novos conhecimentos foram assimilados por todos os grupos humanos em contato. Ninguém saiu sem marcas desse contato e em maior ou menor escala o (re) conhecimento do novo se fez de maneira transcultural³. Devido ao contato, diversos novos conhecimentos também cruzaram os mares indo e vindo entre o “velho” e o “novo” mundo.

Ainda que não desconsiderassem as potencialidades do novo continente, em termos de fauna e flora, no primeiro momento do contato o interesse dos europeus esteve amplamente voltado para a exploração dos metais preciosos⁴. Porém, logo se percebeu, tanto por interesses comerciais como por necessidades cotidianas que os europeus que se estabelecessem nas terras de além mar não poderiam ficar indiferentes as potencialidades naturais da América. Considerando exclusivamente as questões relativas a medicina nota-se que a dificuldade em receber medicamentos preparados na Europa⁵ ou mesmo de aclimatar plantas de uso

¹ Graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e mestrando CNPq pela mesma instituição.

² As Grandes Navegações possibilitaram um aprofundamento das relações comerciais a nível mundial, com as distâncias outrora tidas como intransponíveis e os mares tidos como perigosos e não navegáveis cada vez mais conhecidos. Falando sobre as viagens que atravessaram todo o século XV e culminaram com a descoberta do novo continente pelos espanhóis e do Brasil pelos portugueses, Falcon (2000) destaca que: “São estas navegações e explorações do mar oceano que constituem, em conjunto, os chamados grandes descobrimentos e navegações dos séculos XV e XVI. Dada a considerável significação histórica dos grandes descobrimentos marítimos realizados pelos povos ibéricos, sua menção se tornou praticamente obrigatória sempre que se tenta enumerar os principais acontecimentos e transformações tidos como marcos decisivos do início dos tempos modernos.” FALCON, 2000, p. 21

³ Sobre o tema ver: Sobre o tema ver: PRATT, Mary Louise. Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Bauru/ SP: EDUSC, 1999

⁴ Mauricio Nieto reforça tal argumento: “Durante los siglos XVI y XVII, a pesar de importantes importaciones de cacao, tabaco y tintes, el principal interés comercial de España estaba dominado por el oro y la plata, “las riquezas del Nuevo Mundo.” (NIETO, 1995, p. 43)

⁵ Márcia M. Ribeiro destaca algumas dessas dificuldades, em análise do caso das colônias portuguesas: “A corrupção dos remédios importados era inevitável e, por isso, relativamente bem tolerada pelas autoridades sanitárias. Aos boticários ou droguitas que conservassem ingredientes originários da própria Colônia, com

2

terapêutico conhecidas fez com que as matas nativas se constituíssem em uma grande botica a céu aberto.

Neste trabalho, nos interessa especificamente observar como se deu a descoberta e posterior popularização da *Cinchona officinalis*, popularmente conhecida como quina do Peru.⁶ Diversas são as controvérsias acerca da mesma, portanto não nos interessa aqui traçar uma “História” da quina, mas sim ilustrar, através do caso específico dessa planta como se construía a popularidade de um fármaco e a composição de conhecimentos acerca do mesmo. No caso da quina é intrigante pensarmos que apesar de descoberta na primeira metade do XVII ela só tornou-se um recurso inquestionável na segunda metade do XVIII.

Para a escrita desse trabalho nos utilizaremos de alguns catálogos de livros escritos na Espanha durante o século XIX que buscavam traçar um panorama da medicina espanhola até aquele período como a *História Bibliográfica de la Medicina Española*⁷ e *La Botânica y los Botánicos de la Península Hispano- Lusitana*,⁸ e o *Compendio Historico de la Medicina Española*⁹ Além disso, nos utilizamos de um Tratado de Medicina escrito por Francisco Ribera que foi editado na Espanha e que faz uma defesa apologética do uso medicinal da quina, intitulado *Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos*.¹⁰

Quina do Peru: Da descoberta a difusão.

indícios de estrago, impunham-se multas que variavam de quatro a oito mil réis; a mesma penalidade, porém, não era imposta às drogas importadas, normalmente desembarcadas já em elevado estágio de decomposição.” (RIBEIRO, 1997, p. 25)

⁶ Segundo Bluteau: “Os Castelhanos lhe chamão Palo de Calenturas, porque é um remedio contra febres.” (BLUTEAU, 1728, p. 62) Apesar de tratar-se de um fármaco, neste trabalho não nos aprofundaremos nas propriedades curativas da planta, interessando-nos de maneira mais direta o que concerne a difusão da mesma entre os séculos XVII e XVIII.

⁷ MOREJON. Antonio Hernandez. *Historia Bibliográfica de la Medicina Española*. Madrid: Imprenta de la Viuda de Jordan e Hijos, 1842-52 T. I-VII

⁸ COLMEIRO, Miguel. *La Botânica y los Botánicos de la Península Hispano- Lusitana*. Estudios Bibliográficos y biográficos. Madrid: Imprenta y Esteoreotipia de M. Rivadeneura, 1858.

⁹ de SÁMANO, Mariano Gonzalez. *Compendio Historico de la Medicina Española*. Barcelona: Imprenta de don Agustin Gaspar, 1850.

¹⁰ *Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos* foi escrita por Francisco Suarez de Ribera e publicada no ano de 1724, em Madri, por Francisco del Hierro [ou Yerro]. O tratado conta com 447 páginas.

As controvérsias sobre a quina do Peru começam com o seu possível descobrimento. A versão mais conhecida dá conta de que do ano de 1636 o corregedor da Província de Loja do Peru padecia de febres intermitentes e que teria recebido de um índio a informação de que havia uma “casca” que poderia curá-lo. Após tomar conhecimento do modo e quantidade que deveriam ser administradas o dito corregedor fez uso da mesma, comprovando sua qualidade. Assim, no ano de 1638, ao saber que a vice- rainha do Peru, a condessa de Cinchon, estaria padecendo de febres terçãs o dito corregedor escreveu ao vice- rei afim de informá-lo das possibilidades curativas da quina.

“escribió al virey (que lo era entonces de aquel reino D. Gerónimo Fernandez de Cabrera conde de Cinchon), y remitió una porcion de las referidas cortezas, avisándole la eficacia de sua admirable virtud, modo de usarlas, y esperanzas casi indubidables de que cortarian las tercianas á su esposa. Persuadido el virey de que ninguno mejor que el corregidor podia administrar el remedio, le llamó á Lima, y le mandó que él mismo hiciese en los hospitales las esperiencias con otros tercianarios [...] y en breves dias se hallaron todos los enfermos que habian tomado el remedio libres de sus calenturas. Con tan manifestas y felices pruebas, determinó el virey se le diese á su consorte, la cual anhelando su mejoría, no rehusó tomarle, y asi á pocos dias se libertó de las calenturas, y recobró la salud que muchos meses habia tenido perdida.” (de SÁMANO, 1850, p. 307-308)

A referida história sobre a cura da vice- rainha do Peru, no entanto, é considerada como mera ficção na atualidade e existem outras versões que propagam nomes e datas diversas para a possível descoberta da planta.¹¹ Porém, a partir da lenda que se construiu a cerca da quina alguns dados relevantes podem ser explorados. A primeira delas que “*por los años de mil seiscientos y treinta y seis un indio de la provincia de Loja notició al correjidor de ella la virtud de la quina, con el motivo de estar padeciendo unas fiebres intermitentes.*” (de SÁMANO, 1850, p. 307). Ainda que neste caso a informação possa ser imprecisa, ela vai de encontro a diversas outras obras que apontam para o aprendizado que os europeus necessariamente tiveram que fazer junto aos indígenas.

Como toda a construção de conhecimentos, o caminho para um melhor entendimento da flora nativa foi longo, e mesmo após o estabelecimento dos europeus na América, eram os indígenas quem forneciam as informações mais adequadas sobre o uso

¹¹ O pesquisador Raul Quintana, por exemplo, apresentava os seguintes dados e nomes sobre a descoberta da quina: “Las virtudes de ésta eran conocidas en el Perú, desde el año 1616, cuando gobernaba el virrey Francisco de Borja, príncipe de Esquilache. Con la infusión de su corteza curó las tercianas que sufría la esposa de otro virrey, el conde de Chinchón.” (QUINTANA, 1945, noticia preliminar)

4

medicinal das plantas.¹² Ainda que desse destaque para o papel de Deus como agente de cura, a *Materia Medica Misionera*, obra escrita pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, no ano de 1710 e que versava sobre as qualidades das plantas e seus possíveis usos medicinais também abriu espaço para o conhecimento indígena.

Ao destacar as virtudes do *altocigo*, Montenegro reforçava o papel que os informantes indígenas tinham para o reconhecimento das plantas nativas. Ele destaca as diversas qualidades presentes na planta e a indicação de seu uso para doenças dos olhos. E apontava para o crédito que deveria ser dado ao seu informante: “*y si he de creer á cierto Curuzúyara ó medico, el mas périto que en estas Misiones he hallado, llamado Clemente.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 252). Nota-se pela estratégia narrativa empregada pelo jesuíta que ele reforça o papel de seu informante como sendo “*el mas périto*” que encontrou. Sendo europeu e religioso o irmão Montenegro não podia dar crédito a qualquer nativo que lhe fornecesse uma informação.¹³

A nomenclatura da planta também passa diretamente pela famosa lenda sobre a cura da condessa de Cinchon. Ao registrar a nomenclatura oficial da planta na década de 50 do século XVIII, Lineu¹⁴ deu a todo o gênero dessa planta, que contém cerca de 40 espécies o nome de *cinchona*, em clara referência ao conde de Cinchon e sua esposa. A continuação da dita lenda destacava que após ter sido curada pelas ditas cascas de quina a condessa, ao retornar à Espanha teria difundido o uso da mesma e após seu falecimento os jesuítas teriam

¹² Ribeiro vai de encontro a este pensamento quando destaca que: “A aceitação das amostras era crescente e os remédios à base de exemplares nativos, que desde os primeiros tempos encantaram os jesuítas, continuaram a exercer grande influência no receituário do Setecentos. Distante das boticas europeias, desarmado perante certas moléstias e pouco familiarizado com as plantas medicinais do Brasil, o colonizador submetia-se facilmente aos ensinamentos dos naturais, procurando, à medida do possível, combiná-los com vagas noções terapêuticas que trouxera da metrópole. Tratando-se de moléstias conhecidas na Europa, as coisas eram menos complicadas, mas no caso de infortúnios próprios da Colônia, o aprendizado com o indígena era essencial e por isso mesmo se processou com vigor.” (RIBEIRO, 1997, p. 50)

¹³ Ao falar sobre a produção historiográfica, De Certeau (1982, p.73) destaca que o estudo histórico é “produto de um lugar”, tanto no sentido do pertencimento a um grupo [um lugar institucional], quanto de um determinado espaço geográfico [que é vivenciado e se impõe na relação com outros]. Nesta perspectiva, as obras de Montenegro são fruto do lugar de onde fala o jesuíta, no caso, a Companhia de Jesus, o que determinava certos cuidados sobre quem seria confiável como interlocutor, especialmente em se tratando de indígenas. Tanto é assim que Montenegro destaca só ter dado crédito ao dito Clemente por ser: “*un capáz y buen cristiano*” (MONTENEGRO, [1710] 1945, p. 314).

¹⁴ Carlos Lineu nasceu na Suécia no ano de 1707 e faleceu em 1778. Foi botânico, zoólogo e médico e notabilizou-se por ser o criador nomenclatura binominal e da classificação científica das espécies. Entre suas principais obras está “*Systema Naturae*” de 1735.

5
sido os principais responsáveis pela manutenção de seu uso¹⁵. Não por acaso outros nomes para o os preparos da quina são *polvos de la condessa* e *polvos de los jesuitas*. Além disso, a quina também é conhecida como “*quinaquina*¹⁶, *kin- kina*, *corteza peruviana*, *loja*, *china-china*, *ó china- canna*, *corteza febril*, *genciana índica*, *antiquartanario peruviano* y *palo de calenturas*.” Os pós feitos a base da planta também são conhecidos como “*polvos de Lugo*, *polvos peruvianos* y *polvos de Quarango*.” (de SÁMANO, 1850, p. 310).

Algumas obras que localizamos sobre o tema parecem atestar que os conhecimentos acerca da quina, seriam anteriores ao período do vice reinado dos condes de Cinchon. Uma obra intitulada “*De las plantas de la Índia Occidental*” escrita por Antonio Robles Cornejo que circulou na Espanha no final do século XVI e início do século XVII dava conta de diversas plantas originárias da América entre elas “*los polvos del cardenal Lugo ó Juan de Vega, esto es, de los de Quina ó corteza de Quarango, segun se vê en quatro capítulos que siguen*.” (COLMEIRO, 1850, p. 33) Além disso, Monardes¹⁷ e Juan Fragoso¹⁸ escreveram um único parágrafo, exatamente igual em suas obras de 1571 e 1572 respectivamente, sobre uma planta que apesar de não ter sido nomeada de maneira exata foi assim descrita:

"En el Nuevo Mundo hay un Arbol un tanto grande, que tiene hoja en figura de corazón, y carece de fruto. Tiene dos cortezas: una más gruesa, muy sólida, & dura, que tanto en sustancia como en color se asemeja a la del Guayacán; la otra es muy sutil y blancuzca, y amarga con alguna astricción, aunque no aromática. Grandes cosas hacen con ella nuestros Indios, que la usan contra cualquier flujo, tomando polvos 4 ella en el peso de un real, o un poco más, disuelto en agua caliente, o vino rojo". (FRAGOSO in ORTIZ CRESPO, 1994, p. 132)

A repercussão sobre a quina, especialmente na primeira metade do século XVII parece evidente, portanto cabe que questionemos, por que a planta não se popularizou imediatamente, especialmente se considerarmos que outros fármacos como o cacau e o tabaco

¹⁵ Em contrapartida, alguns relatos dão conta de que a condessa teria falecido ainda na América.

¹⁶ A nomenclatura quiquina pode ser, na verdade, um erro de avaliação havido à época. Ao que tudo indica: “*El riesgo de equivocación a todas luces más frecuente, al que Haggis y Guerra dedican particular atención por su impacto posterior en la claridad del registro histórico, es la confusión secular entre la Quina (género Cinchona) y el bálsamo americano o Quina Quina (género Myroxilon)*.” (ORTIZ CRESPO, 19994, p. 133)

¹⁷ Nasceu em Sevilla no ano de 1493, e fez formação em Alcalá de Henares. Apesar de nunca ter vindo à América versou sobre as qualidades das plantas americanas tendo escrito diversas obras sobre o tema. Faleceu no ano de 1588.

¹⁸ Nascido em Toledo ou Lisboa no ano de 1530 ele estudou medicina, botânica e anatomia. Entre suas obras está o “*Discurso de las cosas Aromáticas, árboles y frutales, y de otras muchas medicina simples que se traen de la India Oriental, y sirven al uso de la medicina*” de 1572. Faleceu em Madri no ano de 1597.

6

já estavam amplamente difundidas na Europa?¹⁹ Um indicativo das dificuldades de perpetuação da mesma está na involução de seu preço. Uma das razões apontadas para a dificuldade de popularização da mesma seria de que *“los mas de los medicos de aquel siglo despreciaban y virtuperaban su uso, ya por la ordinária aversion á toda novedad;”* (de SÁMANO, 1850, p. 308-309) Além disso, deve-se ter em conta que a principal teoria médica ainda em voga no período, era a hipocrático-galênica²⁰ o que fazia com que qualquer medicamento ou prática que não alcançasse os resultados previstos nos dogmáticos aforismos de Hipócrates fossem refutados.

Entre essas regras a serem seguidas estava uma que destacava: *“Deben reputarse las fiebres como una escresion que la naturaleza evacua de la materia morbífica.”* (HIPÓCRATES in de SÁMANO, 1850, p. 309) Os médicos presos a esta concepção constataavam que: *“aunque la quina quitaba la fiebre, envolviendo en si el fermento febril, como no producía escresion sensible alguna, volvia el fermento febril á manifestarse con mayor fuerza en las siguientes accesiones.”* (de SÁMANO, 1850, p. 309) Como se percebe a falta de indícios conhecidos da teoria vigente como resposta ao tratamento pode ter sido um dos empecilhos para um reconhecimento imediato da *“cascarilla del Peru”*.

Assim como surgiram obras apoiando o uso do fármaco americano, outras eram escritas no intuito de repudiá-lo. Nesse sentido, uma das mais conhecidas foi escrita por José Colmonero no ano de 1647 sob o título *“Reprobacion del pernicioso abuso de los polvos de la corteza del Quarango ó China- china”* O mercado editorial da época parecia ser aquecido por disputas em torno da validade de medicinas ou práticas médicas e algumas respostas foram escritas contrariando a obra de Colmonero. Tomás Fernandez escreveu, no ano de 1692, a *“Defensa de la China- china contra Colmonero”* e na década de 20 do século XVIII, quase 80

¹⁹ Henrique Carneiro demonstra que enquanto algumas plantas logo alcançaram papel de destaque outras mantiveram-se restritas ao anonimato ou o uso regional: *“As drogas estimulantes, como tabaco, cacau, café, chá, além das anestésicas como o álcool de cana e ópio, plantadas na América, África e Ásia, se incorporam ao regime moderno com papel de destaque. Outros estimulantes contudo, como o mate, a noz-de-cola, o bétel, o cat, a efedra e a kawa-kawa, permanecem restritos ao seu uso regional sem grande difusão mercantil intercontinental.”* (CARNEIRO, 1994, p. 153)

²⁰ Trata-se da junção dos conhecimentos do grego Hipócrates e do romano Galeno em que a doença seria fruto do desequilíbrio de um dos humores básicos do corpo humano que estaria em falta ou excesso. Os tratamentos eram de caráter basicamente extrativos, como sangrias, purgas e evacuações em caso de excesso do humor e baseadas na alimentação caso o problema fosse a falta de um dos humores.

7

anos após a publicação original, ainda havia respostas a dita obra já que, o Tratado escrito por Francisco Ribera, acima citado, também critica a obra de Colmonero.

Ribera cita Colmonero em diversos momentos durante sua obra, sempre no intuito de desautorizá-lo. Ao iniciar sua explanação sobre as qualidades da quina o autor destacava que os jesuítas teriam aprendido seu uso com os indígenas e ao levarem para a Espanha o dito fármaco ele atingiu grande sucesso: “*menos el Doctor Colmenero, que habiendo hecho voto de discordar, baptizò en menosprecio à este cèlebre remedio con el nombre de Quita Quita;*” (RIBERA, 1724, p. 163) Ao analisarmos as polêmicas levantadas por Ribera perceberemos que ele buscava em sua teorização uma adequação/ acomodação das qualidades da quina às concepções da teoria vigente, não apenas por crença em suas leis, mas talvez como uma estratégia narrativa visando a difusão da quina entre seus pares.²¹

Alguns autores parecem ter desconsiderado o uso da quina pela dificuldade de explicar como funcionaria o seu “*modo operativo*”. Ribera respondia a estes ressaltando: “*Como puede obrar la Quina con qualidad oculta, si es evidente consta de calor, y sequedad en el principio del segundo grado, como queda probado.*”²² (RIBERA, 1724, p. 188) Ao enquadrar a quina ao sistema de classificação da intensidade das plantas, utilizado desde o grego Dioscórides²³, Ribera buscava, através de uma estratégia discursiva, demonstrar que não havia nada de oculto na quina.

²¹ As estratégias narrativas devem ser observadas como uma forma de justificativa ou reforço da ideia que se quer apresentar. Como destaca Chartier: “Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. Esta tensão fundamental pode ser trabalhada pelo historiador através de uma dupla pesquisa: identificar a diversidade das leituras antigas a partir dos seus esparsos vestígios e reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada.” (CHARTIER, 1990, p. 123)

²² Montenegro destaca ter retirado da obra de Dioscórides a explicação acerca dos graus de qualificação contidos nos simples que analisaria: “Cuatro son las cualidades: calor, frialdad, humedad, y sequedad: en cada uno de estas se cuentan cuatro grados, y los simples de que se trata en este libro tiene de estas cualidades y sus grados en ellas, calientes, humedos, frios y secos, y rara vez se hallará simple de sola una cualidad,” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 252)

²³ Dioscórides de Anazarba (40-90 d.C) serviu nos exércitos de Tibério e de Nero e foi autor do texto de matéria médica mais conhecido e estudado até o fim do século XVI, base imprescindível de consulta e referência durante mil e quinhentos anos.” (TAVARES de SOUSA, 1996, p. 91)

Dentro da teoria hipocrático-galênica outra questão importante refere-se ao calor natural²⁴ (ou espírito natural) que era uma substância em constante movimentação dentro do corpo humano e que nunca se renovaria na mesma proporção em que se perdia. Os opositores do uso da quina tinham como argumento que ela dissiparia o dito calor natural, ao que Ribera respondia que o quarango: *“administrado à tiempo, refocila las facultades debilitadas, recrea el calor naural, provoca el apetito postrado, resiste à la putrefacion, y malignidad, y ultimamente liberta à los febricitantes de los brazos de la muerte:”* (RIBERA, 1724, p. 232) Por ressaltar que ultimamente a quina estaria libertando os febris dos braços da morte poderia ter intento de mostrar uma ampliação do uso.

A atribuição dos problemas havidos com alguns dos pacientes que foram tratados pela quina era explicada de maneira simples por seu defensor, Francisco Ribera. Não seria a planta a culpada pelos problemas, mas a falta de cuidado de médicos e pacientes que, ao administrarem-na de maneira irracional encontravam dificuldades: *“Si aplicas intepestivamente, y sin indicacion el quarando, quieres tener buenos sucessos, y hazer felices curaciones? Esso no puede ser, pues entonces convertirás la triaca en veneno, y la suavidad salutifera deste vegetal em azivar mortífero.”* (RIBERA, 1724, p. 233) Para encerrarmos este breve relato sobre as polêmicas acerca da quina, que foram levantadas entre defensores e acusadores de seu uso, trazemos um poema com tom irônico, escrito pelo punho de Ribera que é endereçado aos céticos que fazem por sua ciência discordar de tudo que se apresenta como novo:

*“Es cosa para vèr la diferencia
De ingenios, y de estrañas condiciones,
Que ay algunos que prueban la apartencia,
Buscado sin proposito questiones:
Solo el contradèzir tienen por ciencia,
Y contra la razon buscan razones.
Son como los camellos (cosa rara)
Que enturbian al beber el agua clara.”* (RIBERA, 1724, p. 307)

²⁴ O calor natural é explicado da seguinte maneira por Ayala: *“Es una substancia ígnea, y aérea, la cual tiene do movimientos, uno hacía dentro, y otro hacía afuera; el proprio es de afuera, porque como es ligero, así procura salir, y subir à lo alto, que es el lugar de las cosas leves, como el bajo de las pesadas.*

De manera, cuando él se mueve afuera, arrebata, y leva las tres substancias, que son, húmeda, solida, y espirituosa, y la disipa, y consume; y porque esta disipación se hace cada día, y nunca se restaura con tanta virtud, como la perdida, así nos vamos haciendo pesados, y llegándonos à la vejez; así que es, que aunque nunca tengamos enfermedad, hemos de morir de viejos.” (AYALA, 1705, p. 3)

Ainda que todo esse conhecimento tenha sido produzido durante o século XVII e início do XVIII o primeiro botânico europeu a observar *in loco* a quina foi o francês La Condamine em 1737²⁵. Curiosamente, foi somente após essa documentação por La Condamine e a classificação do gênero *Cinchona* ao sistema de classificação de Lineu que a quina conseguiu popularizar-se e ser considerada de maneira incontestada como um dos principais agentes curativos descobertos na América. Após esse período da década de 50 do século XVIII pode-se perceber um grande incremento no número de obras que foram editadas tendo como tema a quina do Peru e seus usos, porém ao contrário do momento anteriormente analisado, cerca de um século antes, já não se observam obras contrárias ao uso da quina o que nos leva a supor que Ribera e os seus conseguiram através de suas obras e da prática cotidiana perpetuar o uso da quina.²⁶ Entre as obras localizadas, destacamos:

“*Tratado del uso de la Quina*” por Tomás Salazar, Madrid”, 1791.

“*Quinologia ó tratado del árbol de la Quina ó Cascarilla*”, por Hipólito Ruiz, 1792.

“*Instrucción formada por un facultativo... relativa á las especies y virtudes de la Quina*”, por José Celestino Mutis, Cádiz, 1792.

“*Carta sobre la Quina*” por Sebastian José Ruiz, Memorial liter. Madrid, 1793.

“*El arcano de la Quina, ó discurso de la parte médica de la Quinologia de Bogotá*”, por José Celestino Mutis, papel periódico de Santa Fe (así titulado), 1793- 1794.” (COLMEIRO, 1850, p. 42- 43)

As obras sobre a quina continuaram sendo produzidas durante o século XIX o que demonstra a manutenção de sua validade farmacológica. Ainda que tenha demorado até se perpetuar, desde o seu descobrimento a quina tornou-se uma das principais plantas para o uso medicinal que foi descoberta na América. Assim como ela foi transportada para a Europa cremos que seja interessante, nesse momento, observar como os conhecimentos gerados

²⁵ Evidentemente não desconsideramos aqui todos os europeus que ao chegarem à América fizeram uso da planta. La Condamine foi o primeiro que “estudió botánicamente la planta” (ORTIZ CRESPO, 19994, p. 134) o que significa dizer que, a partir dele a quina já foi vista com os olhos de um especialista na área. Durante o século das luzes o conhecimento e a conseqüente ordenação dentro de um sistema próprio aos europeus serviu também como forma de dominação. “El naturalista europeo asume que su simple presencia, su papel de descubridor y su actitud de primer observador”, sus habilidades como clasificador dándole nombres a plantas y animales o elaborando mapas, deben ser entendidos como actos de apropiación. Quien por primera vez reconoce un lugar, una planta, una medicina proclama su derecho de posesión.” (NIETO, 1995, p. 40)

²⁶ Como bem destaca Le Goff: “A descoberta humana das propriedades úteis ou nocivas, benéficas ou malévolas, dos vegetais tem, por certo, raízes longínquas e profundas no conhecimento instintivo, mas deve ser, sobretudo, o resultado de longas séries de experiências e de erros que constituíram a perigosa prospecção inicial dos recursos vegetais utilizáveis.” (LE GOFF, 1984, p. 343)

10

acerca dela fizeram o caminho de volta, e chegaram a América em forma de receitas, obras médicas entre outros, o que atesta a circulação desses conhecimentos.

A presença de obras como a “*Medicina Illustrada Chymica Observada*” nas prateleiras da biblioteca de Córdoba, assim como outras obras de Ribera demonstra que os seus escritos tiveram boa repercussão na América²⁷. A obra do italiano Bado, intitulada “*Anastasis corticis Peruviae seu Chinae Chinae defensio contra ventilationes Ioannis Iacobi Chifletii, gemistusque Vopsci Fortunati Plempii*”, dedicada ao estudo da quina e editada no ano de 1663 ainda consta na Biblioteca *Mayor de la universidad nacional de Córdoba* demonstrando que os profissionais ligados as artes de curar que atuaram na América estavam em contato com a literatura europeia sobre essa planta.

A presença das obras, no entanto, não indica o uso cotidiano da quina no tratamento das doenças. Porém o inventário realizado na botica do colégio de Córdoba²⁸, após a expulsão dos jesuítas no ano de 1767, apresenta certa quantidade de quina que foi avaliada ao preço 4 *reales* a cada onça²⁹, além das *pímulas de la condesa*, mais caras, talvez pelos custos do preparo, avaliadas em 8 *reales* por meia onça. Tal indício serve como indicativo de que o uso da mesma era comum na América, mesmo antes do período final da atuação jesuítica na América, que coincidentemente é cronologicamente próximo à fase final de popularização da quina na Europa. O estudo acerca da quina nos permite observar como se deu a popularização do fármaco, assim como observar as disputas havidas no campo literário entre os profissionais favoráveis ou contrários ao seu uso.

Conclusão.

²⁷ Apesar da circulação das obras de Ribera ele parece não ter deixado para a posteridade uma grande imagem sobre si: en cuanto a ediciones y autores españoles, sobresale la del médico salamantino del siglo XVIII Francisco Suárez de Rivera (¿-1738), un prolífero y extravagante autor de obras de medicina. en la botica cordobesa se conservaban tres de sus obras: Medicina ilustrada, publicada en 1725 y que Leonhardt advierte que le faltaban las ilustraciones y Remedios de deplorados, probados en la piedra lydio de la experiencia, publicado en Madrid en 1733 y Cirugia Methodica Chymica Reformada, también publicada en Madrid en 1722 por Francisco laso, quien como se inscribe en la portada, la costeó y la vendía en su propia casa. PAGE e FLACHS, 2010, p. 133

²⁸ Caja nº 10, legajo 2, nº 27 - Inventario formado por Lorenzo Infante Boticario en la ciudad de Córdoba de los bienes medicinales. (folios 4533r -4628r. julio 1772. cópia) O inventário foi conduzido por Lorenzo Infante. A análise do inventário ainda é parcial, portanto é possível que encontremos novas referências à quina e seus compostos nesse documento.

²⁹ “Equivaleria a 28,691 gramas” (Santos Filho in Almeida, 2009, p. 60)

Ao que parece, apesar da descoberta da quina ter acontecido ainda no século XVI, ela só foi totalmente aceita, a partir dos escritos de La Condamine, nos anos 30 do século XVIII. Nesse período, a exploração da flora e da fauna da América já eram vistos sob um ponto de vista absolutamente técnico, fato que pode ter contribuído para sua aceitação. Porém, a falta de aceitação incondicional não diminuiu a intensidade de seu uso, já que muitos foram os profissionais ligados às artes de curar que utilizaram-na e teceram comentários elogiosos sobre as cascas do Peru, especialmente para o combate das febres.

Todos os grupos envolvidos nos processos de troca de conhecimento tiveram protagonismo. Desse modo, acreditamos que o conceito mais adequado para a compreensão dessas dinâmicas, considerando-se as discussões já havidas sobre a temática, seria o de transculturação. Ele pressupõe um cenário de trocas constantes, onde a cultura A ao encontrar B incorpora elementos da mesma e traduz para A. Esse novo produto cultural retorna à B que assimila e devolve. O caso específico da quina, é ilustrativo: após tornar-se do conhecimento dos europeus, com o auxílio dos nativos, ela foi enquadrada dentro das problematizações do campo medicinal ocidental e “retornou” à América enquanto literatura.

Os dados analisados sobre a quina do Peru se repetem com inumeráveis produtos que passaram a circular pelo mundo a partir do contato estabelecido pelos europeus com a América. Tal intercâmbio, que só avançou com o decorrer dos anos, modificou para sempre as relações entre os diversos grupos humanos. As novas culturas e descobertas feitas a partir do contato foram registrados em obras, como as citadas durante o trabalho, que igualmente circularam entre os continentes permitindo significativos avanços em todas as áreas do conhecimento.

Referências Documentais.

- AYALA, Geronimo de. Principios de Cirugia utiles, y provechosos para que puedan aprovecharse los principiantes en esta facultad. Valencia: Jayme de Bordazar editor, 1705.
- BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. in <http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1>

12

Caja nº 10, legajo 2, nº 27 - Inventario formado por Lorenzo Infante Boticario en la ciudad de Córdoba de los bienes medicinales. (folios 4533r –4628r. julio 1772. cópia)

COLMEIRO, Miguel. La Botânica y los Botánicos de la Península Hispano- Lusitana. Estudios Bibliográficos y biográficos. Madrid: Imprenta y Esteoreotipia de M. Rivadeneura, 1858.

de SÁMANO, Mariano Gonzalez. Compendio Historico de la Medicina Española. Barcelona: Imprenta de don Agustin Gaspar, 1850.

FRASCHINI, Alfredo Eduardo (diretor). Index Librorum Bibliothecae Collegii Maximi Cordubensis Societatis Iesu. Edición Crítica Filológica y Bibliográfica. Buenos Aires, 2003.

MONTENEGRO, Pedro. *Materia Medica Misionera*. Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945. (Versão digitalizada da obra)

MOREJON. Antonio Hernandez. Historia Bibliográfica de la Medicina Española. Madrid: Imprenta de la Viuda de Jordan e Hijos, 1842-52 T. I-VII

RIBERA, Francisco. Medicina Ilustrada Chymica Observada, o Theatros Pharmacológicos, Médico Prácticos, Chymico Galenicos. Madrid: por Francisco del Hierro [ou Yerro], 1724.

Referências Bibliográficas.

ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. Medicina mestiça: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

CARNEIRO, Henrique. Filtros, Mezinhas e Triagas: as drogas no mundo moderno. SP:Xamã, 1994.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

DE CERTEAU, Michel. A Escrita da História. RJ: Forense Universitária, 1982.

FALCON, F. J. C. RODRIGUES, A. E. M. Tempos Modernos. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000. v. 1.

LE GOFF, Jacques. As Doenças têm História. Lisboa: Terramar, 1984.

13

NIETO, Mauricio. Políticas Imperiales en la Ilustración española: História natural y la apropiación del Nuevo Mundo. Universidad de los Andes: Historia Critica, 1995, p.39-52.

ORTIZ CRESPO, Fernando. La Cinchona antes y despues del Virreinato del Conde de Cinchon. Interciencia, 1994.

PAGE, Carlos; FLACHS, Maria C. Vera de. Textos Clásicos de Medicina en la Botica Jesuítica del Paraguay. Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija, Madrid, 13 (2010), p. 117-135.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Bauru/ SP: EDUSC, 1999

RIBEIRO, M. M. A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1997.

TAVARES de SOUZA, A. Curso de História da Medicina. Das Origens aos fins do Século XVI. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.